

SUMÁRIO

1 - A VERDADE NA FILOSOFIA	3
1.1. MÉTODOS FORMALMENTE ADOTADOS PARA SE BUSCAR A VERDADE	3
1.2. TRECHO DAS CONFISSÕES DE AGOSTINHO.....	4
1.3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O RELATIVISMO	4
2 - ALGUMAS TEORIAS SOBRE A VERDADE	4
2.1. A TEORIA DA "ÁLETHEIA"	4
2.2. A TEORIA "VERITAS"	4
2.3. TEORIA DA "EMUNAH"	5
2.4. A TEORIA PRAGMÁTICA.....	5
3 - CORRENTES FILOSÓFICAS CONTEMPORÂNEAS.....	5
3.1. O HUMANISMO E AS IDÉIAS DA RENASCENÇA	5
3.2. ALGUNS NOMES DE DESTAQUES DO HUMANISMO	6
3.3. O IDEALISMO.....	6
3.4. O MATERIALISMO	7
3.5. O POSITIVISMO	7
4 - O QUÉ É, ENTÃO, A VERDADE?	8
4.1. O QUE PRODUZ A INVERDADE?	8
4.2. SOFISMAS.....	8
5 - METAFÍSICA	9
5.1. AS PERGUNTAS METAFÍSICAS	9
5.2. O QUE É DEUS? O QUE É A RELIGIÃO?.....	9
5.3. A PERGUNTA PELO QUE É	9
5.4. CARACTERÍSTICAS DA METAFÍSICA	9
6 - A METAFÍSICA CONTEMPORÂNEA	10
6.1. NOVAS CARACTERÍSTICAS DA METAFÍSICA ATUAL.....	10
7 - A FILOSOFIA E A RELIGIÃO.....	10
7.1. FILOSOFIA GREGA (SÉCULOS V-IV A.C.).....	10
7.2. FILOSOFIA MEDIEVAL (SÉCULOS XIII-XIV).....	11
7.3. AS PRINCIPAIS IDÉIAS DE TOMAS DE AQUINO	11
7.4. RENASCIMENTO (SÉCULO XV).....	11
7.5. RACIONALISMO (SÉCULO XVII).....	11
7.6. ILUMINISMO (SÉCULO XVIII).....	12
7.7. ESCOLA SOCIOLOGICA (SÉCULO XIX).....	12
7.8. MARXISMO (SÉCULO XX)	13
7.9. PLURALISMO – PÓS MODERNIDADE (SÉCULO XXI)	13
8 - A INFLUÊNCIA DA ERA MODERNISTA NO CRISTIANISMO	13
8.1. CARACTERÍSTICAS DA ERA MODERNA	14
9 - INFLUÊNCIA DO MODERNISMO NO CRISTIANISMO	16
9.1. O LADO POSITIVO DO MODERNISMO PARA O CRISTIANISMO	16
9.2. O LADO NEGATIVO DO MODERNISMO PARA O CRISTIANISMO.....	16
9.3. O MODERNISMO PRODUZIU UMA TEOLOGIA ANTROPOCÊNTRICA	17
9.4. EXEMPLOS DA TEOLOGIA ANTROPOCÊNTRICA DO MODERNISMO	17

9.5.	O MODERNISMO INFLUENCIOU A FORMA DE INTERPRETAR AS ESCRITURAS.....	17
9.6.	O MODERNISMO INFLUENCIOU A NOSSA MANEIRA DE ENCARAR A TEOLOGIA DEDUTIVA.....	18
9.7.	O MODERNISMO AFETOU O LADO MAIS CONSERVADOR	18
9.8.	NEM TODA INFLUENCIA DO MODERNISMO FOI NEGATIVA.....	18
9.9.	OS GRANDES ESCRITOS APOLOGÉTICOS DO PASSADO NÃO FALAM MAIS A GERAÇÃO ATUAL.....	19
10 -	PÓS-MODERNISMO	19
10.1.	PÓS MODERNIDADE: NÃO AOS ABSOLUTOS	21
11 -	A DESCONSTRUÇÃO: A ESPINHA DORSAL DA METODOLOGIA PÓS-MODERNA.....	21
11.1.	AS ÁREAS DE ATUAÇÃO DA TEORIA DESCONSTRUCIONISTA.....	21
11.2.	O QUE É A DESCONSTRUÇÃO?.....	21
11.3.	A RELAÇÃO ENTRE A DESCONSTRUÇÃO E A INTERPRETAÇÃO.....	22
11.4.	A DESCONSTRUÇÃO REDEFiniu A VISÃO DO HOMEM.....	22
12 -	O IMPACTO DO PLURALISMO SOBRE O CRISTIANISMO NO MUNDO PÓS-MODERNO	24
13 -	O PÓS-MODERNISMO E A FÉ CRISTÃ.....	27

1 - A VERDADE NA FILOSOFIA

A verdade é uma ou múltipla? É absoluta ou relativa? Esta é uma questão discutida na teologia.

A revelação de Deus ao homem é uma ou múltipla?

Temos na manifestação religiosa geral respostas diferentes para esta questão. Ex. Politeísmo, panteísmo, Monoteísmo.

Com relação a verdade podemos definir três estados de Espírito:

Ignorância. É um estado puramente negativo, que consiste na ausência de todo conhecimento relativo a um objeto.

Filosoficamente o estado de ignorância assume duas situações: Culpável ou desculpável. Ex. Romanos 1. Neste texto Paulo trata de afirmar que todos são indesculpáveis perante Deus. Pois Deus se revela para todos através de seus atributos que estão presentes na criação desde a fundação do mundo.

A Dúvida. É um estado de equilíbrio entre a afirmação e a negação, resultando daí que os motivos de afirmar contrabalançam os motivos de negar.

A opinião. Consiste em afirmar, mas de tal maneira que as razões de negar não sejam eliminadas por uma certeza total. Assim, o valor de uma opinião depende assim da maior ou menor probabilidade das razões que fundamentam a afirmação.

Uma opinião pode ser baseada em afirmações de caráter moral, e neste caso está baseada em afirmações de probabilidade moral. Ex. eu gosto da cor vermelha. Eu não gosto de votar. Nestes casos, a opinião conterà uma verdade provável.

No processo de se buscar a verdade há um processo de ruptura com as antigas crenças adquiridas. Este processo é chamado de quebra de paradigmas.

Ex.: A criança no processo de crescimento substitui as suas primeiras crenças por crenças mais aperfeiçoadas acerca do mundo.

A criança acredita no mundo do “faz de conta” e em tudo que seus pais dizem sobre o mundo. Mais tarde substituirão estas crenças por outras mais concretas e maduras.

1.1. Métodos Formalmente Adotados Para se Buscar a Verdade

Dogmatismo. De um modo geral, o dogmatismo é uma espécie de fundamentalismo intelectual. Os dogmas expressam verdades certas, indubitáveis e não sujeitas a qualquer tipo de revisão ou crítica.

Na atitude dogmática aceitamos as crenças e o mundo como eles são, sem realizarmos uma tarefa de questionamento intelectual.

Um exemplo de conhecimento dogmático é a teologia. Em geral, o conhecimento religioso tem natureza dogmática.

A. Deixamos de agir dogmaticamente quando:

Estranhamos as coisas que nos parecem familiares.

Questionamos os conceitos vigentes e estabelecidos.

Tentamos outras alternativas para explicar os fatos que já foram tradicionalmente explicados.

Nas confissões de Agostinho, há um texto que exemplifica a ruptura com o dogmatismo.

1.2. Trecho das Confissões de Agostinho

“O que é o tempo? Tentemos fornecer uma explicação fácil e breve. O que há de mais familiar e mais conhecido do que o tempo? Mas, o que é o tempo? Quando quero explicá-lo, não encontro explicação. Se eu disser que o tempo é a passagem do passado para o presente e do presente para o futuro, terei que perguntar: Como pode o tempo passar? Como sei que ele passa? O que é um tempo passado? Onde ele está? O que é um tempo futuro? Onde ele está? Se o passado é o que eu, do presente, recordo, e o futuro é o que eu, do presente, espero, então não seria mais correto dizer que o tempo é apenas o presente? Mas, quanto dura um presente? Quando acabo de colocar o ‘r’ no verbo ‘colocar’, este ‘r’ é ainda presente ou já é passado? A palavra que estou pensando em escrever a seguir, é presente ou é futuro? O que é o tempo, afinal? E a eternidade?”

1.3. Algumas Considerações Sobre o Relativismo

Um filósofo chamado Georgia defendia que em todas as afirmações podemos encontrar alguma falsidade. Esta posição contribui para o surgimento do relativismo.

Os relativistas não acreditam em idéias absolutas.

O relativismo é influenciado pela seguinte idéia: “O conhecimento humano vem das nossas percepções e nossas percepções são diferentes de pessoa para pessoa”. Portanto, diante destas diferenças entre percepções não é possível estabelecermos verdades absolutas. Assim, algo pode ser verdadeiro para uma pessoa e falso para outra.

2 - ALGUMAS TEORIAS SOBRE A VERDADE

2.1. A Teoria da “Aletheia”

Considera que a verdade está nas coisas ou na própria realidade.

O conhecimento verdadeiro resulta, então da percepção intelectual da realidade. O verdadeiro é o que se manifesta aos olhos do corpo e do espírito.

Uma idéia é verdadeira quando corresponde à coisa que é seu conteúdo e que existe fora de nosso espírito ou de nosso pensamento. A teoria da evidência e da correspondência afirma que o critério da verdade é a adequação do nosso intelecto à coisa, ou da coisa ao nosso intelecto.

2.2. A Teoria “Veritas”

Considera-se que a verdade depende do rigor e da precisão na criação e no uso de regras de linguagem, que devem exprimir, ao mesmo tempo, nosso pensamento ou nossas idéias e os acontecimentos ou fatos exteriores a nós e que nossas idéias relatam ou narram em nossa mente.

O critério da verdade é dado pela coerência interna ou pela coerência lógica das idéias e das cadeias de idéias que formam um raciocínio, coerência que

depende da obediência às regras e leis dos enunciados corretos. A marca do verdadeiro é a validade lógica de seus argumentos.

2.3. Teoria da “Emunah”

Considera-se que a verdade depende de um acordo entre os pesquisadores que definem um conjunto de convenções universais sobre o conhecimento verdadeiro e que devem sempre ser respeitadas por todos. A verdade se funda, portanto, nos símbolos e convenções consensualmente adotados pelos membros de uma comunidade de pesquisadores e estudiosos.

O consenso acerca da verdade na teoria do “emunah” é baseado em três princípios que serão respeitados por todos:

1. Somos seres racionais e nosso pensamento obedece aos quatro princípios da razão (identidade, não-contradição, terceiro-excluído e razão suficiente ou causalidade);
2. Somos seres dotados de linguagem e que ela funciona segundo regras lógicas convencionadas e aceitas por uma comunidade;
3. Os resultados de uma investigação devem ser submetidos à discussão e avaliação pelos membros da comunidade de investigadores que lhe atribuirão ou não o valor de verdade.

2.4. A teoria Pragmática

Existe ainda uma quarta teoria da verdade que se distingue das anteriores porque define o conhecimento verdadeiro por um critério que não é teórico e sim prático.

Trata-se da teoria pragmática, para a qual um conhecimento é verdadeiro por seus resultados e suas aplicações práticas, sendo verificado pela experimentação e pela experiência. A marca do verdadeiro é a verificabilidade dos resultados.

3 - CORRENTES FILOSÓFICAS CONTEMPORÂNEAS

3.1. O Humanismo e as Idéias da Renascença

O que foi este movimento?

1. Redescobriu os valores da razão e do sentimento humano.
2. Produziu independência dos poderes constituídos: Papa, imperador.
3. Valorização da ciência experimental e empírica.

Ênfase no conceito de imanentismo. Sistema que sustenta que a causa do universo é intrínseca ao próprio universo. A transcendência coloca a causa do universo em Algo que está fora dele.

A palavra transcendência dá a entender que Deus está totalmente fora da matéria e das células dos seres, embora sendo a causa de sua existência. Há uma separação total entre a criatura e o criador, e sua transcendência impede qualquer contaminação deste com a matéria.

No conceito de imanência, Deus está no mundo, na matéria, este mundo é Deus; ou ainda, nós mesmos somos deuses. Um exemplo da influencia desta corrente é o panteísmo.

3.2. Alguns Nomes de Destaques do Humanismo

Leonardo da Vinci: Questionou a autoridade religiosa e civil no campo científico. Reconhecia como única fonte e autoridade para o conhecimento a pesquisa. Ele posicionou acima da autoridade civil e religiosa a pesquisa objetiva.

Galileu Galilei: Seu objetivo era provar a validade do sistema copérnico. Conseguiu provar que o sol não girava em torno da terra. As suas pesquisas científicas confrontavam o poder religioso vigente.

3.3. O idealismo

É a doutrina filosófica que coloca em o plano das idéias acima do plano da matéria.

O idealismo pode ser definido por meio de quatro ângulos diferentes :

1. No sentido filosófico, qualquer teoria filosófica em que o mundo material, objetivo, exterior só pode ser compreendido plenamente a partir de sua verdade espiritual, mental ou subjetiva. Seus opostos seriam representados pelo realismo ('na filosofia moderna') e materialismo;
2. No sentido ontológico, doutrina filosófica, cujo exemplo mais conhecido é o platonismo, segundo a qual a realidade apresenta uma natureza essencialmente espiritual, sendo a matéria uma manifestação ilusória, aparente, incompleta, ou mera imitação imperfeita de uma matriz original constituída de formas ideais inteligíveis e intangíveis;
3. No sentido gnosiológico, tal como ocorre esp. no kantismo, teoria que considera o sentido e a inteligibilidade de um objeto de conhecimento dependente do sujeito que o compreende, o que torna a realidade cognoscível heterônoma, carente de auto-suficiência, e necessariamente redutível aos termos ou formas ideais que caracterizam a subjetividade humana;
4. No âmbito prático, cujo exemplo mais notório é o da ética kantiana, doutrina que supõe o caráter fundamental dos ideais de conduta como guias da ação humana, a despeito de uma possível ausência de exequibilidade integral ou verificabilidade empírica em tais prescrições morais.

Mais algumas definições:

Propensão a idealizar a realidade ou a deixar-se guiar mais por ideais do que por considerações práticas;

Teoria ou prática que valoriza mais a imaginação do que a cópia fiel da natureza. Seu oposto seria o realismo.

Exemplo de idealismo:

Ao identificarmos no mundo físico uma caneta, temos em nossa mente uma idéia já formada de uma caneta, e por isso reconhecemos outras canetas. No idealismo a experiência subjetiva é valorizada.

3.4. O Materialismo

O Materialismo se originou com Francis Bacon, que baseava o conhecimento no método experimental.

Bacon ensina que devemos nos libertar dos ídolos da tribo, da escola e da religião, que em tese seriam os preconceitos e opiniões pessoais e afirmações não científicas. Em uma segunda etapa devemos adotar o uso da observação e da experimentação.

O materialismo tem influenciado diversos segmentos da sociedade: o ateísmo, o capitalismo, as teorias psicológicas fisiologistas, os conceitos evolucionistas que anulam a possibilidade do universo se originar de um ser criador, etc...

O Materialismo Dialético. O materialismo dialético foi um movimento intelectual que influenciou profundamente o ato da reflexão.

Hegel acredita que a idéia passa por uma transformação contínua e tudo se desenvolve através da lógica dialética do vir a ser em três fases: a tese, a antítese e a síntese. A tese é a afirmação, a antítese é a negação, é a síntese, o resultado da dialética do sim e do não, isto é dos contrários.

Marx transfere os princípios da dialética para o âmbito social, para as diversas transformações históricas e para as divisões de trabalho efetuadas na história.

Marx Faz uma análise do capitalismo. I ntroduz conceitos como modo de produção, trabalho, relações de produção. Ele trata dos conflitos entre classes sociais, da exploração capitalista, etc...

3.5. O positivismo

Augusto Comte, propôs que deveria se substituir a especulação racional e metafísica da filosofia pelos dados positivos da ciência.

Catalogou todos os fenômenos: investigando-lhes as causas, e descobrindo-lhes as leis.

Ele acreditava que a história da civilização esta dividida em três etapas:

1. A fase teológica ou mitológica,
2. A fase metafísica , onde o pensamento abstrato se rende ao domínio da filosofia,
3. E a fase positiva, quando tudo é explicado com a pesquisa científica e as leis descobertas.

O positivismo se espalhou pelo mundo obedecendo aos seguintes princípios:

1. A única fonte da verdade é a experiência.
2. A observação dos fatos é o começo de toda ciência.
3. O conjunto, a soma de todos estes conhecimentos científicos constitui-se como a filosofia.

4. Pelo fato de nós não podermos conhecer nada além da experiência, qualquer especulação abstrata, qualquer metafísica, em suma, qualquer filosofia é-nos impossível.
5. Tudo se reduz ao fenômeno material . Esses fenômenos materiais estão determinados por leis fixas(determinismo).
6. Para sairmos desse determinismo, é necessário conhecer essas leis; é necessária a pesquisa científica, a única que nos permite conhecer as leis da natureza.
7. Para o positivismo a ciência é a única esperança para a humanidade ou melhor, sua libertação.

4 - O QUÉ É, ENTÃO, A VERDADE?

A verdade está relacionada então ao modo como percebemos a realizada. A verdade, para ser alcançada, está vinculada ao sistema teórico que utilizamos para interpretar a realidade. Estudamos os sistemas teóricos humanista, o idealista, o materialista e o positivista.

A verdade lógica é a conformidade da inteligência, e da nossa percepção com as coisas, ou realidades existentes, e a inverdade, é definido como não conformidade do juízo com a realidade existente.

4.1. O Que Produz a Inverdade?

- Causas lógicas. Provém da falácias, erros de raciocínio, falta de memória, atenção, dificuldades do uso de operações básicas do intelecto.
- Causas morais. Preferências por asserções que nos favoreçam, equívocos na linguagem, incoerência entre realidade e assertivas, ausência de padrões éticos.

4.2. Sofismas

É um raciocínio errado que se apresenta com as aparências da verdade.

1. Sofisma de boa fé. Não tem objetivo de enganar. É praticado por ignorância. É chamado de paralogismo.
2. Sofisma de má fé. Elaborado intencionalmente para induzir outros ao erro intencional.

Sofismas provêm de duas situações: erros de linguagem (em definições, uso impróprio da língua), ou dos erros de encadeamento do raciocínio lógico.

Exemplos de afirmações sofismáticas:

"Um círculo é quadrado" – Desconhecimento de convenções estabelecidas.

"O sol é gélido"- Desconhecimento de conhecimento científico.

"Os oculistas são mais competentes do que os oculistas" – Comparação com o mesmo objeto.

"O ciúme da mulher levou-o ao suicídio" (Quem tem ciúme: O homem ou a mulher?)

5 - METAFÍSICA

5.1. As Perguntas Metafísicas

A metafísica trabalha com algumas questões como: O que é uma coisa? E um objeto? O que é a subjetividade? O que é o corpo humano?

Por que uma coisa pode mudar e, no entanto, conservar sua identidade individual, de tal maneira que podemos dizer que é a mesma coisa, ainda que a vejamos diferente do que fora antes?

Como sabemos que uma determinada roseira é a mesma que, no ano passado, não passava de um ramo com poucas folhas e sem flor? Como sabemos que Paulo, hoje adulto, é o mesmo Paulo que conhecemos criança?

5.2. O que é Deus? O que é a religião?

Portanto a metafísica é a parte mais central da filosofia que busca o princípio e as causas fundamentais de tudo, tratando de questões que, em geral, não podem ser confirmadas pela experiência direta.

Constitui a filosofia primeira, o ponto de partida do sistema filosófico. O termo surge por volta de 50 a.C., quando Andronico de Rodes (século I a.C.), ao organizar a coleção da obra de Aristóteles, dá o nome de *ta metà ta physiká* ao conjunto de textos que se seguiam aos da física ("metà" quer dizer além).

Muitas das teologias clássicas e tradicionalmente mais antigas possuem muitos conceitos metafísicos.

5.3. A Pergunta Pelo Que É

A metafísica é a investigação filosófica que gira em torno da pergunta "O que é?" Este "é" possui dois sentidos:

Significa "existe", de modo que a pergunta se refere à existência da realidade e pode ser transcrita como: "O que existe?";

Significa "natureza própria de alguma coisa", de modo que a pergunta se refere à essência da realidade, podendo ser transcrita como: "Qual é a essência daquilo que existe?".

Existência e essência da realidade em seus múltiplos aspectos são, assim, os temas principais da metafísica.

5.4. Características da Metafísica

Investiga aquilo que é ou existe, a realidade em si.

É um conhecimento racional apriorístico, isto é, não se baseia nos dados conhecidos diretamente pela experiência sensível ou sensorial (nos dados empíricos), mas nos puros conceitos formulados pelo pensamento puro ou pelo intelecto.

É um conhecimento sistemático, isto é, cada conceito depende de outros e se relaciona com outros, formando um sistema coerente de idéias ligadas entre si.

Exige a distinção entre ser e parecer ou entre realidade e aparência, seja porque para alguns filósofos a aparência é irreal e falsa, seja porque para certos

filósofos a aparência só pode ser compreendida e explicada pelo conhecimento da realidade que subjaz a ela.

Ex. só podemos entender melhor as atitudes visíveis de uma pessoa, se entendermos melhor a realidade interior de uma pessoa.

6 - A METAFÍSICA CONTEMPORÂNEA

A metafísica contemporânea é chamada de ontologia.

Procura superar tanto:

A antiga metafísica. Que enfatizava o conhecimento da realidade em si, como independente de nós.

Quanto a concepção kantiana. Acreditava no conhecimento da realidade como aquilo que é para nós, como que posto por nossa razão.

Considera o objeto da metafísica a relação originária mundo – homem.

6.1. Novas Características da Metafísica Atual

Investiga os diferentes modos como os entes ou os seres existem;

Investiga a essência ou o sentido (a significação) e a estrutura desses entes ou seres;

Investiga a relação necessária entre a existência e a essência dos entes e o modo como aparecem para nossa consciência:

A manifestação da existência a nossa consciência se dá nas várias formas:

(percepção, imaginação, memória, linguagem, intersubjetividade, reflexão, ação moral e política, prática artística, técnicas);

Alguns consideram que a metafísica ou ontologia contemporânea deveria ser chamada de descritiva, porque, em vez de oferecer uma explicação apriorística da realidade, é uma interpretação racional da lógica da realidade, descrevendo as estruturas do mundo e as do nosso pensamento.

7 - A FILOSOFIA E A RELIGIÃO

Verifica-se que a religião constitui uma das dimensões centrais da existência humana: a mais básica e distintiva do ser humano.

Assim, foi objeto de reflexão desde os primórdios da filosofia, sendo que, a partir do século XVII começa a surgir uma postura crítica, que subsiste ainda, mas que pouco a pouco vai sendo desmistificada com os estudos mais recentes sobre as origens e bases do fenômeno religioso:

7.1. Filosofia Grega (séculos V-IV a.C.)

Numa sociedade politeísta, com sua mitologia decantada em poemas épicos, concebe um Ser Superior e imutável como origem e ordenador do Universo, substituindo as explicações mitológicas por explicações racionais dos fenômenos, cujo substrato último estaria num Deus Supremo e Transcendente (Anaximandro, Parmênides, Heráclito e Aristóteles);

7.2. Filosofia Medieval (séculos XIII-XIV)

Caracteriza-se pela defesa filosófica da religião cristã e pela demonstração racional da existência de Deus e de suas características (S. Agostinho, S. Anselmo e S. Tomás de Aquino);

7.3. As Principais Idéias de Tomas de Aquino

Tomás afirma e demonstra a liberdade da vontade, recorrendo a um argumento metafísico fundamental. No mundo, a vontade está em relação imediata apenas com seres e bens finitos e é livre.

Analisando a natureza humana, resulta que o homem é um animal social (político) e portanto forçado a viver em sociedade com os outros homens. A primeira forma da sociedade humana é a família, de que depende a conservação do gênero humano; a Segunda forma é o estado, de que depende o bem comum dos indivíduos.

Segundo Tomás de Aquino, o estado não tem apenas função negativa (repressiva) e material (econômica), mas também positiva (organizadora) e espiritual (moral).

Embora o estado seja completo em seu gênero, fica, porém, subordinado, em tudo quanto diz respeito à religião e à moral, à Igreja, que tem como escopo o bem eterno das almas, ao passo que o estado tem apenas como escopo o bem temporal dos indivíduos.

E compreende-se, portanto, que não é possível demonstração racional em matéria de fé, onde os princípios são, para nós, transcendentais à razão, mistérios, e igualmente inteligíveis suas condições lógicas.

Em todo caso, segundo o sistema tomista, a razão não é estranha à fé, porquanto procede da mesma Verdade eterna.

E, com relação à fé, deve a razão desempenhar o papel seguinte:

A demonstração da fé, não com argumentos intrínsecos, de evidência, o que é impossível, mas com argumentos extrínsecos, de credibilidade (profecias, milagres, etc.), que garantem a autenticidade divina da Revelação.

7.4. Renascimento (século XV)

Com a redescoberta do mundo greco-romano, busca-se formular uma síntese dos elementos religiosos de diversas procedências, com a intenção de descobrir um fundo religioso universal e deduzir-se uma doutrina metafísica universal.

7.5. Racionalismo (século XVII)

Começa a colocar em xeque a religião, pretendendo racionalizar o fenômeno religioso.

Os racionalistas deram ênfase a compreensão e estudo da religião por meio da argumentação lógica e racional.

Está presente nas religiões, que dispensam a autoridade e a revelação religiosa em favor dos postulados lógicos e racionais sobre a existência de Deus.

O racionalismo é baseado nos princípios da busca da certeza e da demonstração, sustentados por um conhecimento a priori, ou seja, conhecimentos que não vêm da experiência e são elaborados somente pela razão.

7.6. Iluminismo (século XVIII)

Na linha do racionalismo, caracteriza-se pela negação das religiões positivas (especialmente do cristianismo), sustentando um deísmo como crença geral na existência de um Ser Supremo, sem que deva existir qualquer Igreja ou sistema organizado de culto (Voltaire, Diderot e D'Alembert);

Mas, a mudança mais importante gerada por esse novo sistema esta baseada no novo conceito de religião natural.

Assim, segundo Herberto de Cherbury existe uma religião natural, comum a todos os homens e independente de revelação, pela qual o homem pode tornar-se bem-aventurado, mesmo sem o conhecimento da revelação.

Segundo esse conceito Cristo além de ser um sábio mestre, possuía sobretudo um exemplo de virtudes;

As contribuições do iluminismo para a filosofia da religião.

1. A teologia formou-se mais ou menos dependente da filosofia e do pensamento racionalista; ou seja, em vez de exigir que a razão se sujeitasse ao testemunho da Escritura, passou-se a crer firmemente que a revelação e princípios racionais estão em completa harmonia; uma vez que se desejava justificar a revelação perante o tribunal da razão.
2. Ao lado dessa racionalização da teologia havia a tendência de moralizar; onde essa passou a ser a principal preocupação no conceito de vida moderna, racional; do que a religião. Isso aconteceu pelo fato de que se considerava como principal finalidade do cristianismo o fato de se conseguir uma moralidade elevada; além dessa constituir o conteúdo ético.
3. Já em terceiro lugar, vemos que a idéia de que a religião se fundamentava em especial em princípios racionais acabava fortalecendo a concepção individualista, uma vez que essa estava baseada nas experiências da própria pessoa.
4. E em quarto lugar, foi a tendência de "humanizar" o cristianismo, de acomodá-lo a uma estrutura antropocêntrica, esperando com isso a que a teologia trouxesse o bem-estar humano, procurando harmonizar as verdades teológicas com princípios racionais, que acabou provocando em alguns uma rejeição ao cristianismo.

7.7. Escola Sociológica (século XIX)

Pretende que o fenômeno religioso seja necessariamente social, constituindo um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, adotadas por uma comunidade (Durkheim, Weber, Croce e Gentile), esquecendo, no entanto, que o sentimento religioso tem sua dimensão pessoal;

A religião passa a ser vista e descrita como um fenômeno de caráter social.

7.8. Marxismo (século XX)

Concepção de que a religião é o ópio do povo, a maior das alienações, uma vez que aquilo que se atribui a Deus seria próprio da Humanidade como um todo (Feuerbach e Marx);

Os ideais de Marx, assim como as diversas correntes que posteriormente surgiram, tendem a destruir e minar a fé ou, no máximo, torná-la uma ferramenta de luta de classes, um instrumento muito valioso na corrupção das bases fundamentais da nossa Civilização. Exterminar a religião cristã no Ocidente é corromper e derrubar o pilar mais seguro que mantém uma história de séculos e séculos,

7.9. Pluralismo – Pós modernidade (século XXI)

Não há quadro ideológico homogêneo, como na Idade Média. Não há uma única forma de pensar.

Na filosofia: "Há mais de um princípio universal, em oposição ao monismo, o qual reduz toda a realidade a um único princípio".

Na sociologia: "Coexistência de cosmovisões divergentes".

Na religião: "Qualquer coisa que se entenda como salvação é alcançada através de uma quantidade enorme de condições e de meios, em várias religiões".

Definição de Relativismo. É a doutrina que afirma não existirem verdades absolutas. A verdade é sempre relativa a algum aspecto particular, como a língua e a cultura, sua referência ou padrão de avaliação.

Definição Pluralismo. É a perspectiva que afirma a aceitação plena da diversidade. O conceito é usado em muitas áreas do conhecimento. Geralmente, o pluralismo reforça a legitimidade e plausibilidade de vários pontos de vista sobre um determinado tema, inclusive a religião.

8 - A INFLUÊNCIA DA ERA MODERNISTA NO CRISTIANISMO

As opiniões quanto ao início da era moderna variam. Alguns consideram o Renascimento (séculos XIV e XV), enquanto que outros optam pelo período do Iluminismo (século XVIII), conhecido também como o Século das Luzes. Também não há um consenso quanto aos seus limites, e quanto a uma definição clara do que seja a modernidade. Theo Donner expressa isso da seguinte maneira:

Um problema – O pensamento moderno não se resume a uma linha única de pensamento, e sim a uma coletânea de idéias, filosofias e cosmovisões.

Há um problema ao se falar do pensamento moderno, porque ele propriamente não existe. Há um conjunto de idéias, filosofias, cosmovisões, sistemas sociais, etc, e todos têm uma história. É muito difícil dizer em que consiste a formação de cada um desses aspectos. Quais são os antecedentes da psicanálise, ou da filosofia existencialista, ou do comunismo moderno? Não estamos diante de um processo casual, mecânico, no qual podemos discernir todos os diferentes passos que conduziram à situação atual (além disso, é bastante difícil entrarmos em acordo quanto a uma definição da situação atual), antes enfrentamos um emaranhado histórico de fatos, dados, documentos, correntes, influências, personalidades, etc.

O que todos reconhecem é que houve uma mudança de paradigma de proporções gigantescas, cujas seqüelas afetaram profundamente as cosmovisões, as crenças, o mundo acadêmico e todas as outras áreas dos afazeres humanos até os nossos dias. Essa foi uma mudança que teve uma influência importante no cristianismo, inicialmente na Europa e na América do Norte, e que logo alcançou os nossos países do hemisfério sul.

8.1. Características da Era Moderna

A era moderna caracterizou-se por filosofias e modelos que rompiam com os paradigmas anteriores.

A era moderna caracterizou-se por um amálgama de filosofias e sistemas epistemológicos que, embora aparentemente tinham pouco em comum, relacionavam-se em sua proposta de modelos novos, que rompiam abertamente com o paradigma anterior.

O projeto moderno propôs uma variedade de normas para aceder à verdade.

Descartes, por exemplo, destacou o padrão racionalista de idéias claras e bem definidas; as ciências utilizaram os critérios empíricos, os hegelianos puseram sua esperança no espírito do Progresso na história; e os românticos apelaram a uma intuição imediata e pré-reflexiva."

O autor colombiano Fernando Cruz Kronfly define a modernidade como:

"Um processo global, de natureza econômica (o nascimento do capitalismo e a consolidação progressiva do princípio de individualização, capaz de fundar um novo tipo de mentalidade coletiva não holística mas individualista); de natureza filosófica (Descartes e o racionalismo); de natureza científica (Galileu, Copérnico, Bruno, fundadores do heliocentrismo e da possibilidade de matematizar o "céu" e romper com as velhas tradições geocentristas); de natureza política (Maquiavel e o processo de dar autonomia à política diante do sagrado, assim como o começo da formação dos estados nacionais); de natureza até mesmo artística (começo da perspectiva nas artes plásticas, com Rafael e Leonardo, e fundação de um novo gênero literário como a novela, precisamente a partir do princípio da individualização como um novo elemento da mentalidade coletiva)."

De acordo com John Dewey (1859 - 1952), o filósofo norte-americano considerado como "o proponente intelectual mais representativo do espírito da modernidade", podemos entender a modernidade no hemisfério ocidental a partir de quatro mudanças ocorridas no período Pré-Moderno.

Segundo John Dewey, ocorreram quatro mudanças no período que definimos como moderno:

A Primeira mudança. O prazer com o natural, sem referência ao sobrenatural.

René Descartes (1596 - 1650), o filósofo e matemático francês, propôs a idéia do universo como um aparelho mecânico, composto de matéria e movimento, descrito por leis mecânicas.

Isaque Newton (1642 -1727), na Inglaterra, elaborou essas leis e forneceu a base para a idéia de um universo que funciona perfeita mente, por sua própria conta, no qual não há necessidade de que Deus intervenha. A matéria e as leis físicas são suficientes para explicar toda a realidade. "Já não havia mais a necessidade de se ter poderes invisíveis para explicar o movimento no universo. Embora houvesse talvez a necessidade ainda de um Deus para postulá-lo como o

autor de uma lei dentro de um princípio, uma vez iniciada a lei da gravidade, a mesma explicou suficientemente todo movimento no universo."

A Segunda mudança no período moderno. Em lugar da ênfase medieval na submissão à autoridade eclesiástica, surge uma crença crescente no poder das mentes individuais, guiadas por métodos de observação, experiência e reflexão, para alcançar as verdades necessárias e fundamentais da vida.

Francis Bacon (1561 - 1626), filósofo e escritor inglês, ao introduzir o método indutivo, rejeitando a dedução, baseia a ciência na observação e na experiência, dando a estrutura básica para o método empírico na ciência moderna. Para Bacon, "conhecimento é poder".

Seu contemporâneo Descartes, com sua famosa frase "penso, logo existo", coloca a mente humana como parâmetro último de análise e descrição da realidade, e põe o centro no indivíduo como critério absoluto da verdade.

A grande contribuição de Bacon e Descartes. Eles contribuem para colocar os alicerces para a ciência moderna e para o individualismo, como pilares importantes da era moderna. Como foi dito por Alister McGrath, "a característica primária do movimento (o Iluminismo) poderia ser vista na sua afirmação quanto à total competência da razão humana. A Razão, dizia-se, era capaz de nos dizer tudo o de que precisamos saber sobre Deus e sobre a moral."⁶

A modernidade ofereceu uma alternativa em oposição aos fanatismos do passado. Em oposição às ilusões, aos preconceitos e ao fanatismo do passado, a modernidade ofereceu a Razão (com R maiúsculo) para esquadriñar criticamente cada pretensão e para pôr em terra o edifício do conhecimento. Não apenas estavam todos os seres racionais de acordo com a Razão, mas, ainda melhor, a Razão proveu um conjunto de normas e de critérios para pensar corretamente sobre a realidade, chegando assim à Verdade Absoluta.⁷

O que John Alexander diz sobre esta mudança ocorrida na modernidade? "...na modernidade, a gente estava começando a ser capaz de expressar o que cria e, ao mesmo tempo, fazer o que queria, e não tinha que tomar cuidado com respeito a se Deus, ou um gato preto, ou que um espião estaria observando-nos."⁸

A terceira mudança que houve, para entender a modernidade, é que o período moderno caracteriza-se pela sua crença no Progresso.

Dewey expressa isso da seguinte maneira: "O futuro, e não o passado, domina a imaginação. A idade de ouro está diante de nós e não atrás." Por isso, continua Dewey, "o homem é capaz, se assim quiser, de aplicar o valor, a inteligência e o esforço necessários para forjar o seu próprio destino." A era moderna propôs uma cosmovisão otimista e cheia de confiança nos lucros humanos. O Progresso não era apenas possível, mas era também inevitável, se apenas permitíssemos que a Razão tivesse a liberdade de investigar o mundo cientificamente.

A maioria dos modelos sociais, políticos, religiosos e ideológicos da época procura obter a superação humana, o passo a uma etapa superior da história. Tanto o modelo econômico-político de John Locke (1632 - 1704), como o de Marx (1818 - 1883), assim como a teoria de Darwin nas ciências naturais e a de Freud nas ciências humanas, entre outras, propõem uma utopia quando nós, seres humanos, tivermos superado os obstáculos e as condições atuais, alcançando uma nova sociedade. A canção de Nino Bravo expressa muito bem esse ideal: "Caminho sem cessar atrás da verdade, e por fim saberei o que é a liberdade." Há uma verdade a buscar e uma liberdade a obter. O futuro é promissor.

A quarta e última mudança proposta por Dewey para entender a modernidade é: "o estudo paciente e experimental da natureza, dando como resultado inventos que controlem a natureza e domine m suas forças para o bem da sociedade, é o método pelo qual se alcança o Progresso."

Na era moderna, "pessoas autônomas, entendendo cientificamente, controlando e transformando tecnologicamente o mundo, sem os impedimentos tais como a tradição, a ignorância, ou a superstição, produzem o seu próprio remédio. Na era moderna somos nossos próprios salvadores. E realizamos a nossa salvação na história redimi da pelo secular através da marcha inevitável e incessante do Progresso."

Concluindo, a era moderna proveio de um paradigma com um universo fechado ao sobrenatural, onde a ciência se desenvolve ajudada pela hegemonia da Razão humana, produzindo o bem comum através da tecnologia e do crescimento econômico, resultados celebrados do Progresso.

9 - INFLUÊNCIA DO MODERNISMO NO CRISTIANISMO

A modernidade tanto pode ser considerada tanto aliada como inimiga do Cristianismo. A influência das mudanças promovidas pela era moderna no cristianismo é complexa.

A modernidade pode ser considerada tanto aliada como inimiga do cristianismo.

9.1. O Lado Positivo do Modernismo Para o Cristianismo

Por um lado, o modernismo do Renascimento e do Iluminismo preparou o caminho para a reforma protestante do século XVII.¹² Os reformadores, refletindo o espírito de sua época, valeram-se das ferramentas lingüísticas e humanistas, como o redescobri mento dos idiomas clássicos, inclusive do hebraico e do grego, a exegese gramático-histórica e a crítica à teologia escolástica por parte do humanismo.

9.2. O Lado Negativo do Modernismo Para o Cristianismo

Por outro lado, "o cristianismo, dentre todas as outras religiões do mundo, foi a que se viu submetida às críticas mais devastadoras e incisivas nas mãos desse racionalismo agressivo."

Como expressa Ravi Zacharias, "esse assalto às crenças religiosas foi realizado em nome da liberdade política ou acadêmica, quando a intenção verdadeira era derrotar filosoficamente qualquer coisa que pressentisse haver uma restrição moral."

O golpe mais duro do ataque dirigiu-se, visivelmente, contra o cristianismo." David Hume (1711 - 1776), filósofo e historiador escocês, com seus argumentos contrários aos milagres, e Immanuel Kant (1724 - 1804), filósofo alemão, com sua epistemologia, são exemplos dos desafios que o cristianismo começou a enfrentar. Logo vieram Hegel, Marx, Darwin, Lenin e outros, que ainda foram para além

do campo acadêmico, utilizando até mesmo o poder político contra o cristianismo, tudo e em nome da Razão.

9.3. O Modernismo Produziu uma Teologia Antropocêntrica

Das fileiras até mesmo do cristianismo, "especialmente da ala protestante"¹⁵, o que se viu, entre tanto, foi a assimilação acrítica de várias das premissas básicas da modernidade. Como Theo Donner explica, "assim como a filosofia e a cultura se tinham feito completamente 'antropocêntricas', centradas no homem, também a teologia agora se tornou antropocêntrica. O homem era a medida de todas as coisas. O mesmo chegou a ser também na teologia."

9.4. Exemplos da Teologia Antropocêntrica do Modernismo

Por exemplo, Friedrich Schleiermacher (1768 -1834) considera que os conceitos bíblicos tradicionais, tais como os milagres, a encarnação, a morte substitutiva e sacrificial de Cristo são conceitos inadequados ao "homem moderno".

Rudolf Bultmann (1884 - 1976) elabora a sua teologia a partir da premissa de que o homem moderno não crê em milagres, e portanto a Bíblia deve ser "desmitificada".

Dietrich Bonhoeffer (1906 -1945) propõe um cristianismo sem religião, para o homem moderno, que não é religioso, um homem que alcançou a "maioridade".

Nas palavras do autor católico Battista Mondin, "agora não é suficiente provar a racionalidade da fé, demonstrando que as verdades reveladas estão em harmonia com os cânones da razão, mas também a Revelação se submete ao tribunal da razão dando a esta o dever de purificá-la de todos os elementos sobre naturais." Mondin conclui "As duas doutrinas principais de Kant referentes à religião a transferência da religião da esfera da razão para a da vontade e do sentimento, e a interpretação racionalista da Revelação - permanecem como fomentos de toda a teologia protestante do século XIX".

9.5. O Modernismo Influenciou a Forma de Interpretar as Escrituras

Bacon, Descartes e Newton, como arquitetos importantes da modernidade, também estão presentes.

Vê-se em primeiro lugar que, ao interpretar a Bíblia, é utilizada a fragmentação proposta por Bacon, exemplificando a atitude da mente moderna de "dividir e conquistar".

Em segundo lugar, trata-se o texto como se fosse um sistema mecânico cujo significado pode ser alcançado pela aplicação precisa do método, mostrando nisso a mecanização da mente moderna". Finalmente, diz Wilkingson, "somos inclinados a seguir a prática acadêmica de excluirmos nós mesmos, nossas paixões e nossos preconceitos, em nossas investigações exegéticas e hermenêuticas", exemplificando dessa maneira a separação característica da atitude moderna. Para os autores Mondin e Wilkinson, as premissas modernas entraram nas diferentes disciplinas cristãs.

9.6. O Modernismo Influenciou a Nossa Maneira de Encarar a Teologia Dedutiva

Somos filhos da época, sejamos conscientes ou não disso. Por exemplo, para a grande maioria dos cristãos o método indutivo (um instrumento básico da modernidade) é superior ao dedutivo, e assim deixam de lado catorze séculos de teologia dedutiva.

Robert Traina, por exemplo, ao referir-se ao método dedutivo, qualifica-o como "subjetivo e imparcial". Para ele a dedução "produz antes ditadores, mais do que ouvintes das Escrituras" em contraste com a indução que "produz pessoas que ouvem em vez de falar".

9.7. O Modernismo Afetou o Lado Mais Conservador

O lado mais conservador do protestantismo viu-se afetado também pelo espírito modernista. A ênfase da Reforma no direito que todo crente tem de estudar a Bíblia, sem a mediação eclesiástica (aplicando o individualismo moderno), começou a produzir um movimento heterogêneo e dividiu doutrinariamente.

Muitos setores coligaram-se e mantiveram uma atitude anti-intelectualista (e, em outros casos, anti-racionalista), rechaçando inclusive os elementos positivos da modernidade. Abriu-se espaço para teologias escapistas e para movimentos "espirituais" baseados em experiências sensoriais, em visões e noutras manifestações subjetivas.

Muitos evangélicos abandonaram a reflexão sobre a responsabilidade social da Igreja. Em seu afã por defender a "sã doutrina" da teologia liberal, os evangélicos "sentiram que não tinham tempo para assuntos sociais" e, portanto, deixaram de lado a responsabilidade social da igreja e começaram a pregar um evangelho para as "almas", aceitando tacitamente a reclusão da religião à esfera do que é "particular" de cada um, proposta característica dos pensadores modernos.

John Alexander, sintetiza a influência negativa do modernismo dizendo: "as igrejas raramente contam a história completa de Jesus. Em vez disso, narram versões do modernismo. Pregam Jesus em combinações excêntricas com o secularismo, com o romantismo, com o materialismo e com o racionalismo. Mudaram o evangelho para uma cruz dourada e culturalmente aceitável."

9.8. Nem Toda Influência do Modernismo foi Negativa

Mas nem toda a influência do modernismo no cristianismo é negativa. Homens tais como John Wesley (1703 -1791), Jonathan Edwards (1703 -1758) George Whitefield (1714 - 1770), Charles Spurgeon (1834 -1892) e Dwight L. Moody (1837 - 1899), entre muitos outros, cuja mensagem produziu um despertar espiritual, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, utilizaram a razão e a lógica de seu tempo de forma criativa, mostrando que participavam do racionalismo moderno, "embora sem a deificação da razão que vemos em outros".

Na apologia, pensadores brilhantes, desde Pascal no século XVII, até CS. Lewis, Francis Schaeffer e Michael Gree n neste século, entre outros, trabalharam arduamente, esforçando-se por apresentar um evangelho racional, que convencesse

o homem moderno da racionalidade da fé cristã, sem cair no perigo de reduzi-la somente a um sistema de proposições lógicas.

Estes continua m sendo vozes proféticas em seu tempo, chamando a igreja para levar a sério o desafio que as filosofias e cosmovisões modernas são para a fé. São um chamado para sair das trincheiras eclesiásticas e chegar ao homem moderno não com uma mensagem diluída, mas com um evangelho pleno e relevante.

9.9. Os Grandes Escritos Apologéticos do Passado não Falam Mais a Geração Atual

Contudo, os grandes livros apologéticos que foram escritos utilizando as leis da lógica e aplicando os princípios científicos da argumentação, que ajudaram muitos a se acercarem da fé, já não falam à geração atual. Como se expressa Kevin Graham Ford: "Leiam os grandes escritos dos apologistas de nosso tempo - Cristianismo Puro e Simples de CS. Lewis, as obras de Francis Schaeffer, de Os Guinness e de Josh McDowell.

Estas obras estão cheias de argumentos convincentes, de provas lógicas e de evidências poderosas. Mas estes livros e seus argumentos não chegam à geração de hoje." É esta separação do racionalismo moderno que abre o caminho para um novo paradigma epistemológico e para uma nova forma de ver a vida: o pós-modernismo.

10 - PÓS-MODERNISMO

Uma grande frustração: os avanços em várias áreas foram insuficientes para produzir um mundo edênico.

O otimismo da era moderna, sua confiança em que a ciência, a tecnologia e o progresso, impulsionados por um ser humano autônomo, sob o reinado soberano da Razão, produziriam um mundo edênico, isso decepcionou a todos. A primeira guerra mundial deu um golpe mortal no projeto moderno. Stalin na Rússia e Hitler na Alemanha deram os últimos toques em seu sepultamento. Filósofos e escritores como Derrida, Camus, Sartre e Rorty, entre outros, deram o seu atestado de óbito, enquanto que artistas, arquitetos e sociólogos começaram a entronizar o seu sucessor.

O projeto moderno de estabelecer uma cultura global, com uma base objetiva e racional para toda ação humana, sem o impedimento da religião ou de qualquer outro ponto de vista "subjetivo", não científico, demonstrou ser tão somente um ideal inalcançável e insatisfatório.

Os avanços científicos na compreensão do cosmos foram insuficientes para estabelecer a paz mundial.

A esperança de que "através da razão os seres humanos poderiam entender o cosmos, estabelecer a paz social e melhorar a nossa condição" converteu-se num pesadelo revelador de que o progresso nos escapou das mãos e, no seu progresso, vai deixando uma seqüela de problemas ainda maiores do que os que pretendia resolver.

"Nos últimos cinquenta anos, a nossa capacidade produtiva e a nossa experiência desenvolveram-se astronomicamente, mas a rigidez de nossos problemas aumenta proporcionalmente."

A confiança na ciência e tecnologia não foram suficientes para gerar otimismo.

Até mesmo a confiança de que a ciência e a tecnologia produziram a cura infalível das nossas doenças sociais e existenciais se decompuseram num pessimismo cada vez mais crescente.

Todos os pilares do projeto moderno mostraram ser somente colunas ocas, com uma pintura dourada. Alexander refere-se a isso ao dizer que "a tragédia da modernidade é que não temos nada que mereça adoração; o absurdo da modernidade é que, de todas as formas, vamos e adoramos."

As promessas de que as idéias de Progresso, de História e da Razão manteriam-se elevadas com indiscutível prestígio e credibilidade começaram a deixar transparecer o osso por baixo do seu sangue.

Mesmo com toda a influência da razão e inúmeros os avanços produzidos por ela, o nosso século continua a testemunhar as mais impressionantes carnificinas.

Com efeito, em meio à festa da Razão e da credibilidade imensa em suas possibilidades, o século XX presencia as mais impressionantes carnificinas humanas de que se tem notícia, com o emprego intensivo de todos os recursos técnicos, e com um fundo musical de obras clássicas. A Razão bebia sangue também e, como qualquer fera, organizava e refinava a festa de sangue e, como se não bastasse, a racionalizava e a enchia de justificações históricas.

Às portas do século XXI, a humanidade observa que muito mais da metade do mundo empobrecido morre de miséria diante da mais impressionante opulência, que a água se contamina e que dela há falta, que os mares se poluem, que a capa de ozônio se destrói, que os bosques e a fauna são quase imaginações fantásticas dos contos das vovós.

Diante do vazio da modernidade, aparece o pós modernismo

E aqui, diante do vazio que a modernidade deixou ao desmoronar-se, que aparece o pós-modernismo. "A chegada do pós-modernismo poderia ser descrita como a perda de entusiasmo pelas convicções básicas do modernismo."

Os Guinness descreve a relação entre os dois da seguinte maneira:

"Ao passo que a modernidade era um manifesto de auto-suficiência humana e de autogratificação, o pós-modernismo é uma confissão de modéstia e até de desesperança. Não há "verdade", há apenas verdades. Não existe a razão suprema, somente há razões. Não há uma civilização privilegiada (nem cultura, crença, norma e estilo), há somente uma multidão de culturas, de crenças, de normas e de estilos. Não há uma justiça universal, há apenas interesses de grupos. Não existe uma grande narrativa do progresso humano, há apenas histórias incontáveis, nas quais as culturas e os povos se encontram hoje. Não existe a realidade simples nem uma grande realidade de um conhecimento universal e objetivo, existe apenas uma incessante representação de todas as coisas em função de tudo o mais."

McGrath reconhece que dar "uma definição completa do pós-modernismo é virtualmente impossível",⁸ **mas este poderia ser entendido como** sendo "uma sensibilidade cultural sem absolutos, sem certezas e sem bases fixas, que se deleita no pluralismo e na divergência, e que tem como meta pensar através da radical 'relatividade situacional' de todo pensamento humano. E cada um desses aspectos poderia ser considerado como uma reação consciente e deliberada contra a totalização do Século das Luzes."

Em nosso continente, as "gerações jovens são hoje, ao mesmo tempo, modernas e pós-modernas, embora em meio a instituições sociais e políticas relativamente pré-modernas."

10.1. Pós modernidade: Não aos Absolutos

Na modernidade a Razão erigiu-se imbatível, e o progresso apresentou-se otimista e inevitável. A modernidade baseava-se em absolutos, em princípios inegociáveis que conduziriam infalivelmente a um mundo sem problemas.

Porém, de acordo com os autores pós-modernos, as pretensões absolutistas da modernidade somente trouxeram sistemas opressivos, guerras de trincheiras e campos de concentração.

O absoluto de que a ciência responderia nossas perguntas e resolveria nossos problemas de mostrou-se como falso.

O absoluto de que a ciência responderia nossas perguntas e resolveria nossas inconsistências produziu a poluição irreversível no ar, nos rios e nos oceanos; a destruição da capa de ozônio, deixando-nos expostos aos mortais raios solares; uma relação cada vez maior de espécies vivas em perigo de extinção; e a possibilidade de uma guerra nuclear capaz de destruir a metade do sistema solar. Isso para não mencionar os resultados dos absolutos na economia, nas ciências sociais e na política. Se é isso o que produzem os absolutos, devemos então suspeitar de todo absoluto. Como consequência, "não há regras ou normas que controlem a sociedade; nem mesmo Deus tem esse direito."

11 - A DESCONSTRUÇÃO: A ESPINHA DORSAL DA METODOLOGIA PÓS-MODERNA

A "desconstrução", poderia ser destacada, como sendo a medula da epistemologia moderna.

11.1. As Áreas de Atuação da Teoria Desconstrucionista

A desconstrução atua principalmente no campo da lingüística, mas suas conclusões generalizaram-se a outras áreas, até mesmo na religião. Na lingüística e na filosofia, os franceses Jacques Derrida e Michel Foucault, e os americanos Richard Rorty e Stanley Fish são os representantes mais destacados da desconstrução.

11.2. O Que é a Desconstrução?

James Sire resume a proposta desconstrucionista ao dizer que "a teoria literária pós-moderna, assim como uma grande parte da teoria das ciências humanas contemporâneas assume que a mente humana é incapaz de aceder à realidade."

Em primeira e última análise, não há uma estrutura racional da realidade, e, se houver, não a poderemos conhecer. Tudo o que conhecemos é a nossa própria linguagem." Então, de acordo com a desconstrução, a linguagem é o

único meio através do qual podemos conhecer; sendo porém este um fenômeno arbitrário, deixa as palavras sem um significado permanente. E uma opção pessoal dar-lhes o sentido que cada um queira. Cada pessoa cria, arbitrariamente, sua própria realidade, ao utilizar a linguagem.

Rorty explica sobre a desconstrução:

“E o sentido de que não há nada no fundo dentro de nós, exceto o que nós mesmos ali pusemos; não há nenhum critério que não tenhamos criado no processo de criar uma prática; nenhum padrão de racionalidade que não seja uma apelação ao critério, nem argumentação rigorosa que não seja mais do que a obediência a nossas próprias convenções.”

11.3. A Relação Entre a Desconstrução e a Interpretação

Ao aplicar esta abordagem à literatura, por exemplo, chega-se à conclusão de que, em qualquer caso, não se pode encontrar um significado fixo, e que tanto a identidade como a intenção do autor são irrelevantes para a interpretação de qualquer texto. McGrath encontra pelo menos dois princípios gerais no que se refere à desconstrução de um texto:

1. Todo escrito terá significados que o autor não pretendia e nem poderia ter pretendido dar.
2. O autor não pode pôr adequadamente em palavras o que ele quer dizer em primeira instância.

McGrath conclui: "Todas as interpretações são igualmente válidas, ou igualmente sem significado (dependendo do seu ponto de vista)." Isto tem repercussões importantes no campo da hermenêutica bíblica. Se toda interpretação está condicionada culturalmente, então "nenhuma interpretação pode ser descartada, e a nenhuma interpretação se deve dar o status de uma verdade objetiva. Rechaçar uma interpretação pressupõe que se tenha algum critério que permite fazer isso, mas se uma interpretação é apenas uma entre muitas possíveis outras interpretações, não tem sentido argumentar em favor de seu valor único ou contrariamente à validade (ou falsidade!) da interpretação de outra pessoa.

11.4. A Desconstrução Redefiniu a Visão do Homem

A desconstrução também redefiniu o sujeito. A modernidade considerava o ser humano autônomo, independente, seguro de si mesmo e com possibilidades racionais ilimitadas. "Na cosmovisão moderna o homem chega a ser lei (nomos) para si mesmo (autos)." O homem moderno é um ser integrado, otimista e com identidade definida. O desconstrucionismo pós-moderno desafia esta visão do sujeito. "Esta antropologia é uma ficção. A mesma noção de um sujeito autônomo, que se apoia em si mesmo, é um invento moderno. Esta é uma construção concebida em um tempo e espaço particulares (especificamente, o mundo ocidental desde o Renascimento), e não propriamente uma verdade acerca da natureza humana, universalmente reconhecida e auto-evidente em todo o tempo.

Assim como a realidade é uma construção social, também o é o Homo autonomus."

O sujeito pós-moderno é, então, um produto cultural, e portanto não tem individualidade. Na antropologia pós-moderna os seres humanos são apenas contratos sociais ou seres socialmente determinados. É o que Mardones chama de

"o desafio do fragmento". O ser humano é apenas o que a sociedade define que seja, não pode pensar a não ser nas categorias que recebeu e como resultado não tem mais a pretendida autonomia do homem moderno. "Suas emoções e sua interpretação de si mesmo, assim como suas ações, lhe são pré-definidas pela sociedade, bem como a sua abordagem cognoscitiva do universo que o rodeia."

Esta redefinição pós-moderna do sujeito produziu o ambiente propício para a negação da culpa e da responsabilidade pessoais. Se o que somos, pensamos, fazemos, e tudo o mais é produto social, então a sociedade é a responsável por nossos atos e decisões, sejam estes positivos ou negativos. Nós estamos somente atuando de acordo com o que o meio social nos condicionou; não temos escapatória. O sujeito pós-moderno não tem nem identidade nem vontade individual, somente social.

A um nível mais geral, a rejeição de absolutos levou o pós-modernismo a repudiar qualquer conceito de verdade que pretenda ser universal. Para Foucault, por exemplo, a idéia de "verdade" nasce dos interesses dos que têm o poder. Para ele há uma relação direta e destrutiva entre verdade e poder. A "verdade" serve como instrumento de apoio para sistemas repressivos; portanto, qualquer "verdade" que pretenda ser absoluta deve ser erradicada, incluindo-se o que na terminologia pós-modernista se conhece como as "metanarrativas".

As metanarrativas são marcos de referência gerais "que dão sentido à totalidade da vida e que dão um significado ao lugar que ocupamos no amplo sistema das coisas." Também podem ser entendidas como "narrativas generalizantes que asseguram a provisão de marcos universais para o discernimento de significado." Exemplos de metanarrativas são o marxismo, a democracia liberal capitalista e o mito moderno do progresso autônomo. A definição que Klaus Bockmuehl utiliza para o marxismo poder-se-ia dar para qualquer outra metanarrativa: "Um sistema que abrange completamente o pensar e o viver, uma concepção total do mundo e da humanidade." Middleton e Walsh apresentam também como metanarrativas a agenda nazista para ter a supremacia na Europa, as cruzadas, as aspirações marxistas-leninistas para o domínio mundial, o apartheid na África do Sul, e "as conseqüências na América Latina, ao longo deste século, da doutrina Monroe, como parte da narrativa da democracia liberal dos Estados Unidos."

Para Fernando Cruz Kronfly as metanarrativas "começaram a ser vistas pela primeira vez como simples relatos, mas, com a conseqüente perda ou deterioração de sua validade e legitimidade... tratam-se de relatos já gastos e desprestigiados, nos quais as pessoas não mais se sentem representadas."

As metanarrativas são rejeitadas pelo pós-modernismo como autoritárias, isto é, porque impõem o seu próprio significado de forma fascista. "Se alguém está convencido de que a sua posição é correta, tem inevitavelmente a tentação de controlar ou destruir os que não estejam de acordo." Middleton e Walsh expressam o que esta abordagem tem a ver com o cristianismo:

"O problema do ponto de vista pós-moderno é que as Escrituras, em que os cristãos afirmam basear a sua fé, constituem uma metanarrativa com pretensões universais. O Cristianismo está inegavelmente enraizado em uma metanarrativa que pretende contar a verdadeira história do mundo, desde a criação até o fim, da origem à consumação."

Para os mesmos autores, a hipótese pós-moderna das metanarrativas tem sentido e baseia-se na observação histórica:

"A história bíblica tem sido, de fato, freqüentemente utilizada ideologicamente para oprimir e excluir aqueles que são considerados infiéis ou hereges. Nas mãos de alguns cristãos e comunidades, a metanarrativa bíblica tem sido usada como uma arma para legitimar preconceitos e perpetuar a violência contra os que são considerados inimigos, que estão fora do propósito divino. Simplesmente não há uma narrativa intrinsecamente justa, nem mesmo a bíblica."

Em conclusão, o argumento é que cada vez que uma pessoa ou um grupo qualquer diz possuir a "verdade" (especialmente a verdade religiosa), o resultado é uma repressão. Para o pós-modernismo, "a única verdade é que não existe a verdade". Como diz Jock McGregor, "a idéia chave nessa situação é que temos liberdade absoluta. Cada coisa que pensemos, digamos ou façamos tem igual validade, quando aplicado a uma outra coisa. Não existem absolutos, somente escolhas. Nada é absoluto, nada é sacrossanto, tudo acha-se disponível."

Esta posição e esta rejeição aos absolutos preparam o terreno em que o pluralismo e o relativismo florescem.

12 - O IMPACTO DO PLURALISMO SOBRE O CRISTIANISMO NO MUNDO PÓS-MODERNO

Na filosofia, o pluralismo define-se como a doutrina que afirma que há mais de um princípio universal, em oposição ao monismo, o qual reduz toda a realidade a um princípio único. Na sociologia e na cultura define-se o pluralismo como a coexistência de cosmovisões divergentes. Na religião, o pluralismo "é a doutrina de que a salvação, ou qualquer coisa que se entenda por salvação, é alcançada pelas pessoas através de uma quantidade enorme de condições e de meios, em várias religiões. Este pluralismo, então, outorga a todas as religiões o mesmo valor soteriológico, moral e espiritual.

O pluralismo é um fenômeno complexo. D.A. Carson divide-o em três categorias: empírico, celebrado e filosófico ou hermenêutico. O pluralismo empírico não é mais do que o reconhecimento da grande diversidade étnica, cultural e religiosa do mundo. Num país como a Bolívia, para dar um exemplo, existem mais de cinquenta grupos lingüísticos, cada um com suas próprias tradições, cosmovisões e costumes, na maioria das vezes totalmente diferentes entre si. A isso podemos acrescentar ainda a herança hispânica e as subculturas "pop" das cidades. Vivemos num mundo policromático e polimorfo, que hoje é chamado de "aldeia global". Na era pós-moderna tem havido, por um lado, as pretensões universalistas modernas, tentando unificar todos os seres humanos, e tem sido possível escutar, por outro, vozes alternativas. Não é que essas vozes não estavam ali antes, mas era difícil ouvi-las, já que quem falava a modernidade tinha uma voz muitíssimo mais forte. O pós-modernismo, por assim dizer, baixou um pouco o volume do som da modernidade.

Contudo uma coisa é reconhecer o pluralismo empírico como um fato, e outra coisa é celebrá-lo, aprová-lo, e até mesmo promovê-lo como desejável. Este é o pluralismo celebrado, "um valor em si mesmo, uma prioridade". Este pluralismo é a busca da diversidade como ideologia. Em outras palavras, "nosso contexto pós-moderno está povoado de desconstrucionistas e de outros que celebram a confusão. Pela heterogeneidade! Poderia ser a quintessência do brinde

pós-moderno, quando as taças desse brinde se levantam e tocam-se pelo caos libertador".

O pluralismo filosófico ou hermenêutico é, para Carson, o desenvolvimento mais sério do pluralismo, e o mais feroz e temível dos três. "Este toca virtualmente cada disciplina - história, arte, literatura, antropologia, educação, filosofia, psicologia, ciências sociais, e até mesmo, cada vez mais, as ciências exatas - e agora obteve popularidade na praça pública, embora sua existência não seja reconhecida." Este pluralismo apoia-se basicamente na hermenêutica desconstrucionista e encontra na era pós-moderna um terreno mais fértil e abonado que o oferecido pela modernidade. O pluralismo religioso pode ser entendido como uma subcategoria do pluralismo filosófico."

O pluralismo não é um fenômeno novo. Ao ler as páginas do Novo Testamento, pode mos vê-lo na cultura e no contexto em que o evangelho foi pregado pela primeira vez. Quando Paulo chegou em Atenas, por exemplo, viu a cidade entregue à idolatria.

A religião era um bufê do qual o ateniense se servia a gosto. Mas era comida que, em vez de saciar a fome, abria mais o apetite, já que "todos os de Atenas e os estrangeiros residentes de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades".

John Stott descreve Atenas como uma cidade em que "havia inúmeros templos, santuários, estátuas e altares. No Partenon havia uma imensa estátua de Atena feita de ouro e mármore. Em toda a parte havia imagens de Apolo, o padroeiro da cidade, de Júpiter, Vênus, Mercúrio, Baco, Netuno, Diana e Esculápio. Todo o panteão grego estava ali, todos os deuses do Olimpo."

Além disso, havia o templo de Diana em Efeso, de Afrodite em Corinto, de Zeus em Roma e havia o culto generalizado ao imperador, e ainda um número incalculável de deidades de todo tipo que tinha m sido agregadas ao longo dos séculos. O império romano tinha muitos deuses, "deuses para serem temidos, deuses para apaziguar, deuses para honrar, deuses a quem eram dados sacrifícios, deuses cuja comida era compartilhada também a todos que os adoravam. Dessa forma Paulo, e m suas viagens missionárias ao mundo gentílico, encontrou ídolos de todo tipo e pessoas que participavam da adoração a esses ídolos."

Na era pós-moderna, "nenhuma religião tem o direito de declarar-se como sendo a correta e a verdadeira, e as demais falsas, nem ainda (de acordo com a maioria) relativamente inferior." Mas sim "a regra de ouro do pós-modernismo é: 'Atribua a todas as outras religiões a mesma presunção de verdade que você atribui à sua própria religião'. Todas as religiões foram criadas iguais".

Este jardim pluralista afeta de muitas maneiras a nossa abordagem evangélica diante do mundo. A cristandade está desmoronando-se. Cada vez mais o "sedimento cristão" na cultura vai desaparecendo. Não há um conceito de moralidade, ou de crença num Ser Supremo. Uma grande maioria dos jovens hoje cresce com muito pouco, ou com nenhum contato real com Jesus. Nas palavras do autor salesiano Ítalo Gastaldi: "Na universidade comprovamos com estupor e m jovens inteligentes, assíduos leitores de obras esotéricas, uma grande ignorância da tradição cristã, como se nada tivesse existido antes. A única coisa que lhes resta do cristianismo é uma imagem deformada e enfadonha, como de algo insípido e opressor, acompanhado de normas antiquadas de conduta." Dito de outra forma, na era pós-moderna "Cristo a duras penas sobrevive, transformado em outra coisa; acho que num deus portátil, de uso absoluta mente pessoal".

A mensagem de Jesus como o único caminho é de pronto rejeitada, ou simplesmente é uma mensagem totalmente incompreensível pelas mentes pós-modernas. Se você for explicar a um universitário uruguaio as evidências da ressurreição de Jesus Cristo, o que você vai receber é uma risada gozadora e cínica, ou um simples sacudir de ombros, enquanto se afasta dando um não com a cabeça, como que dizendo "e que me importa?!". Para Gastaldi, a geração da era pós-moderna "tem prazer no efêmero, no fragmentário, no descontínuo e no caótico. Viver é experimentar sensações; quanto mais fortes, intensas e rápidas, melhor. Nada de sentimentos de culpa, nada de bem e de mal, nada de valores: o que importa é o que me agrada."

Fernando Cruz Kronfly expressa isso da seguinte maneira: "Tenho a convicção de que nossos jovens orientam a sua vida pela seguinte máxima: viva o instante. Muitas coisas se sujeitam agora à denominada 'utopia do imediato'."

Ser pluralistas, tanto no segundo como no terceiro tipo de pluralismo, está tornando-se cada vez mais comum, e as universidades é que desempenham um papel importante nesse sentido. Para Carson, "os problemas de privatização, de relativismo, de pluralismo filosófico, de ceticismo, de pós-modernismo e de 'abertura' ética controlam grandemente o processo mental de pensamento da maioria dos estudantes universitários".

Outra semente que encontra no pós-modernismo o terreno apropriado para germinar e crescer é a do relativismo. Este, poderíamos caracterizá-lo como um parente próximo do pluralismo. O relativismo nos diz que tudo o que podemos saber acerca das realidades são, unicamente, as relações entre suas diferentes partes, o que assim quer dizer que todo conhecimento é relativo. Não existem absolutos, normas ou critérios objetivos e independentes para a verdade, nem para a bondade. Tudo é relativo ao momento e à pessoa.

O relativismo produz indivíduos que, querendo ser "politicamente e corretos", encontram-se sem opiniões pessoais (no momento em que dou uma opinião estou impondo a minha cosmovisão), sem segurança ontológica (não sei quem sou e seria uma arrogância querer sabê-lo), sem base epistemológica (não sei se é possível conhecer algo com certeza) e sem princípios éticos universais (o que é certo para mim não tem que ser certo para você).

O relativismo produz indivíduos que, querendo ser "politicamente corretos", encontram-se sem opiniões pessoais (no momento em que dou uma opinião estou impondo a minha cosmovisão), sem segurança ontológica (não sei quem sou e seria uma arrogância querer sabê-lo), sem base epistemológica (não sei se é possível conhecer algo com certeza) e sem princípios éticos universais (o que é certo para mim não tem que ser certo para você).

O relativismo torna mais difícil o diálogo aberto para encontrar a verdade. Para eles, não existe diferença alguma entre o que um a pessoa se dispõe a crer e o que é "verdade". Diz em: "No que você acreditar, isso é a sua verdade; eu tenho outra verdade."

O importante, por exemplo, no campo religioso, é buscar uma espiritualidade que funcione para mim. Não importa se é uma espiritualidade "à la carte" ou do tipo "bufê". A pergunta que se faz é: "O que você está com vontade de comer? O sabor é mais importante do que a substância. Gastaldi descreve a religiosidade pós-moderna como "antropocêntrica, sociológica ou ambiental, ... branda, 'à la carte' ,... extremamente cômoda,... cética ante o heroísmo e distante de qualquer entrega, ... emocional e anti-intelectualista, que se acaba no

'aleluia e glória a Deus!',... carente de confiança em seus líderes e divorciada da cultura".

Diante dessa situação pluralista e relativista, aqui na América Latina, em que vários setores se situam ainda na pré-modernidade, outros na modernidade, cada vez vamos encontrar mais pessoas, especialmente jovens, com a mentalidade pós-moderna.

Isso nos leva seguramente a perguntarmos sobre as influências pós-modernas em nossa fé bíblica e em nossa vida de compromisso cristão.

13 - O PÓS-MODERNISMO E A FÉ CRISTÃ

Para o autor basco José Maria Mardones, a pos-modernidade "é uma forma de ateísmo niilista, que não pretende reaproximar-se de nada, e por isso representa a máxima rejeição de Deus e da religião. Achemo-nos, é o que parece, diante da liquidação mais exaustiva das raízes do sagrado e da aproximação a Deus".

Qual deve ser a nossa abordagem, como cristãos, a esse fenômeno? Como anunciar a "metanarrativa bíblica a uma geração que rejeita todo conceito de verdade e todo absoluto"? "Apologeticamente, a pergunta que surge no contexto pós-moderno é a seguinte: Como podem ser consideradas seriamente as pretensões cristãs de verdade quando há tantas alternativas rivais e quando 'a verdade em si mesma chegou a ser uma noção desvalorizada'?" Podemos usar como bússola nesta viagem exploratória as palavras paulinas à igreja em Tessalônica: "Examinem tudo, fiquem com o que é bom."

Imediatamente surge a pergunta: O que pode haver de bom no pós-modernismo?

Para a maioria de nós é fácil ver o que deve ríamos rejeitar desse paradigma, mas ficar com o que é bom do pós-modernismo - se é que há algo bom - não significaria sacrificar em seu altar a fé cristã?

Muitos abordam o pós-modernismo ainda assumindo o "complexo de superioridade" da era moderna. Isso, parece-me, fecha-nos as portas a um diálogo sincero, em que buscamos realmente compreender esta época. Analisemos algumas áreas em que o pós-modernismo, com todos os seus novos e antigos desafios à fé, pode nos ajudar a ser e a viver mais biblicamente.

Por um lado, o destronamento da razão e de suas pretensões universalistas retira a camisa de força que esta impunha à revelação bíblica. "Em lugar de forçar a Escritura entre o molde ditado pelos interesses do Iluminismo, o movimento evangélico pode-se dedicar a permitir a Escritura ser a Escritura."

Para muitos, continua sendo verdade a doutrina tomista que deixa a razão intocável pela queda, e portanto incontaminada pelo pecado. A era moderna, desde o Renascimento, baseou-se nesse princípio e produziu um sistema em que por fim a razão se erigiu como única autoridade em todas as esferas da atuação humana, incluindo-se a abordagem da Bíblia. A razão, por assim dizer, condenou a revelação bíblica por não ser "científica" e a encarcerou na prisão humanista.

Na era moderna, se envolvíamos nossos sentimentos, ou qualquer outro aspecto "não racional" no estudo bíblico, ele era chamado negativamente de "subjetivo" e era descartado. A geração pós-moderna, que suspeita da razão, precisa descobrir que a Bíblia, mais do que um código de normas, é um livro sobre pessoas

de carne e osso, que viveram com as mesmas lutas, questionaram, duvidaram, voltaram para trás, caíram e se levantaram de novo. Gastaldi diz que "na década dos anos 90 deparamo-nos com um homem inquieto, em busca de 'sentido religioso', desencantado com os resultados da ciência e da técnica. Parece estar dizendo:

"Dêem-me alguma coisa diferente do que sai dos computadores, dêem-me razões para viver, para manter uma esperança!" E não é para menos, a pós-modernidade destruiu os absolutos, deixando o ser humano à deriva, sem passado nem futuro, responsável por criar ele mesmo o seu próprio universo.

Outro aspecto que devemos revisar, para a era pós-moderna, é o da apologia e evangelização. A tarefa apologética para esta era que se caracteriza pela suspeita a tudo é restaurar a confiança na verdade. Como cristãos, somos agora desafiados a persuadir a geração pós-moderna quanto à importância da verdade. Contudo a desconstrução nos obriga a avaliar as nossas intenções e os nossos métodos. Quando abordamos esta geração com o evangelho, devemos deixar de lado a nossa cista de superioridade, transmitindo a sensação de que possuímos infalivelmente a verdade absoluta. Isso não significa que estejamos deixando de crer que o evangelho é a verdade, que tem pretensões de ser para todos os seres humanos sem distinção alguma; antes, o que temos que fazer é reconhecer que, como portadores desta mensagem, interpretamo-lo sob a influência do nosso marco cultural, familiar, denominacional e vivencial. "Todos nós tendemos a interpretar as Escrituras de acordo com a experiência que temos, seja ela negativa ou positiva, presente ou ausente. Negar esta tendência é negar a nossa própria humanidade." A Bíblia é infalível, nós não somos. Somos filhos da nossa cultura e das nossas subculturas, quer queiramos, quer não.

Nossa postura apologética e evangelizadora, mais do que racional, deve ser relacional. Kevin Graham Ford emprega o termo "evangelismo narrativo". Para ele:

"A medida que a nossa cultura paulatinamente se separa do pensamento lógico e orientado às proposições e adentra-se no pensamento orientado às sensações e ao que ultrapassa o racional, o único evangelismo que fala a linguagem da cultura é o evangelismo orientado aos relatos. Este fala o idioma desta geração, saturada dos meios de comunicação, e esfomeada de ouvir relatos. Este fornece às pessoas um ponto de contato em sua vida cotidiana, permitindo-lhes ver como Deus interagiu na história humana e como ele pode fazer isso na vida de cada um deles, individualmente.

Muitos jovens sentem atração pelo Jesus dos evangelhos, mas rejeitam qualquer envolvimento eclesial ao ver a vida dos que se dizem seguidores de Jesus. Devemos assumir esta crítica, avaliando as muitas formas em que a igreja e os crentes têm sido obstáculo para que outros venham para o evangelho. Não há melhor postura do que uma vida santa.

Philip Kenneson chama-nos à reflexão: "A tarefa mais urgente da igreja hoje é viver no mundo de tal maneira que o mundo seja levado a nos perguntar acerca da esperança que temos. Enquanto isso não acontecer, temo que todas as teorias apologéticas existentes sejam em vão, e que a verdade de que dizemos ser testemunhas seja tomada como sendo uma falsidade."

Nesta era pós-moderna não podemos esconder a nossa vida por trás de grandes argumentos racionais, porque agora os mesmos não impressionam mais. Nesta era, mais do que com palavras, evangelizamos com ações, com uma postura de amor pelos outros, com uma epistemologia mediada por compaixão, com uma axiologia saturada pela ética e pelos valores do reino, e com uma mensagem

encarnada, que saia dos templos e que se misture com a geração desencantada e cheia de suspeições que perambula como "ovelhas sem pastor".

Estamos buscando uma comunidade, e, como todo o mundo antes de nós, queremos fazer parte de algo maior do que nós mesmos. Queremos que haja linhas traçadas para uma direção moral. Queremos exemplos vivos de pureza, de honestidade e de amor. Queremos uma família que nos ame incondicionalmente, e queremos crer em alguma coisa. Os cristãos podem dar esperança, oferecendo uma comunidade baseada no amor de Deus por seu povo e no amor de uns para com os outros."

São quatro as pedras fundamentais da evangelização para esta geração: a autenticidade, o cuidado mútuo, a confiança e a transparência, e cada uma dessas desenvolve-se no contexto de relações mantidas com os não-crentes. A evangelização impessoal através do folheto, ou da explicação de um esquema lógico, porém sem continuidade e sem um interesse autêntico, seguramente produzirá resultados bem mais negativos, afastando os jovens pós-modernos do evangelho.

Para o autor catalão Angel Castaheira, a pós-modernidade "permite que o cristão re-simbolize novamente o testemunho da revelação, tradicionalmente envolvido em metafísica moderna e de conceptualismo, e o redescubra agora, por sua vez, na linguagem do amor e do perdão, no coração da vida, no caminho privilegiado da experiência humana."

Tal abordagem talvez faça com que muitos se sintam incômodos. Preferimos a evangelização metódica e a ação apologética argumentativa, racionalista e lógica. Temos que revisar, então, o modelo de Jesus, cujo ministério público foi essencialmente relacional. Ele andava no meio das multidões, ou então tinha encontros privados com determinadas pessoas, até mesmo de noite. Ele sabia o que era sentir o calor do meio-dia no deserto de Samaria, ou o frio da morte no quarto de uma adolescente. Ele deixou-se tocar por uma mulher cerimonialmente impura, e tocou intencionalmente num leproso, isolado pela sociedade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
MACHEN, J. Gresham. Cristianismo e Liberalismo. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2001.